REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 795

10 DE FEVEREIRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Os novos reis de Inglaterra

S. M. O REI EDUARDO VII

S. M. A RAINHA ALEXANDRA

CHRONICA OCCIDENTAL

Por mais que se lhe queira fugir, é fatal: uma chronica tem de ser muito similhante a um registo de cemiterio.

Ainda não acabaram as cruzes negras e as grandes molduras soturnas dos convites nas quartas paginas dos jornaes. Nada mais certo do que a morte, nada a que mais custe habituar se a gente.

Foi terrivel o fim do seculo passado; mas o ultimo numero do jornal, commemorativo da mais linda festa christã, não o quizemos enlutar com os travessões da necrologia. Pagámol-o caro no primeiro OCCIDENTE em que saudámos o anno vovo.

A quantos, e dos mais queridos, tivemos de pagar aqui o tributo da nossa saudade!

Que enorme procissão de mortos vai por ahi fóra, pelas alamedas de ciprestes, ao som da marcha funebre, que lhes canta a dôr dos nossos corações! Quantos lá vão n'ella amortalhados, que tão activa parte, em tempos saudosos, tomaram nas alegrias das nossas vidas!

A' lista dos necrologios hoje havemos de juntar ainda mais um, e tão sentido quanto deveria ser tratando-se d'um justo, d'um homem verdadeiramente de bem, d'um que possuia no mundo dos nomes mais queridos e aureolados.

No testamento deixou escripto que o levassem á cova quatro pobres, que o envolvessem n'uma simples mortalha, que se não fizessem annuncios nem convites, que outro resguardo para seu corpo não queria além d'um modestissimo caixão de madeira.

Foi pela familia cumprida a vontade de Thomaz Ribeiro, o glorioso auctor do *D. Jaime*, o famoso poema de que nós todos sabemos pelo menos meia duzia de versos de cór.

E no mesmo jornal, onde lemos o extracto commovente do testamento do grande romantico portuguez, columnas e columnas se gastaram a descrever as pompas do enterro de Victoria I, Imperatriz das Indias.

Dias e dias sem descanço, trabalharam os telegraphos, contando ao mundo inteiro, para o Canadá, para a Africa, para a Australia, para todas as capitaes da Europa, da Asia e da America, as maravilhas do prestito fantastico, a que assistiram milhões de espectadores, embasbacados perante tanta magnificencia, tamanhas mostras de soberbo poderio. Levaram tres quartos d'hora a passar os regimentos com seus uniformes vistosos, resplendentes d'oiro, seguidos de Lord Roberts com todo o seu estado maior, os outros marechaes com seus ajudantes de campo e logo o feretro e ainda mais marechaes e gente da côrte. O Rei Eduardo VII segue atraz, levando á direita o Imperador da Allemanha e á esquerda o Duque de Connaught. Depois ainda mais reis e principes, como nunca talvez se juntaram em tamanho numero. Entre elles o Rei de Portugal. A Rainha Alexandra, outras princezas e principes, o embaixador do Papa, seguem em vistosos coches puxados a duas parelhas.

O espectaculo é soberbo. Esquece a tristeza que o motivou. As janellas são cheias de mulheres formosas. A multidão abre os olhos, deslumbrada. As plumas ondeando ao vento, as scintillações do oiro, dão ao cortejo um ar festivo.

Todos são eguaes perante a Morte, diz uma sã philosophia. É assim, quando é na Morte que se pensa; mas, ás vezes, é preciso cuidar dos vivos e fazer da dôr estardalhaço, que vaidades não se enterram, nem a Morte demonstra mais uma vez que tudo é vaidade.

E por isso Thomaz Ribeiro, que nunca se envaideceu com seus triumphos, dos maiores que poetas portuguezes tenham em vida merecido, quiz que ao seu cadaver não fosse concedida mais que a modesta habitação christã, humilde logar onde repoise o corpo, de que a grande alma se desprendeu, e onde uma lagrima de filho ou de amigo possa, de quando em quando, serenamente ir regar a terra.

O auctor do *D. Jaime* foi dos mais acclamados poetas do seu tempo; nenhum dos modernos gosou entre nós triumpho egual. Ainda hoje, não ha cantinho do Brazil onde habite um portuguez, que n'uma das prateleiras da estante pobresinha não se veja o volume que Antonio Feliciano de Castilho prefaciou, dando causa á memoravel campanha litteraria em que tomaram parte os mais distinctos homens de letras do Portugal de então. Não havia estudante que não soubesse de fio a pavio recitar a *Justiça de Castella*; não havia mulher que não repetisse baixinho e commovida os versos da *Judia*. Alguma coisa haveria n'essas estrophes que tão longe voaram.

Thomaz Ribeiro era o typo perfeito do poeta romantico. Bello, com o seu olhar luminoso, os anneis dos seus cabellos, a voz mansa, o ar inspirado, era o sacerdote sempre officiando, crente na sua arte, sincero em seus ideaes.

Entrando na politica, dedicou-lhe todas as faculdades do seu bello espirito; não creio que nunca lhe entregasse o coracão. Pela primeira vez deputado em 1862, só dezaseis annos depois foi chamado aos conselhos da corôa, encarregando-se da pasta da marinha no ministerio presidido por Fontes Pereira de Mello. Em 1881 tomou conta da pasta do reino; em 1885 da das obras publicas e depois da da justiça.

Restabelecidas as relações diplomaticas entre o governo de Portugal e o do Brazil, foi Thomaz Ribeiro encarregado da nossa legação, sendo enthusiasticamente recebido n'aquelle paiz, como o deveria ser um dos homens que maior prestigio litterario ali havia alcançado.

O grande poeta ultimamente andava triste: já a doença talvez, talvez tambem, elle que fôra um sonhador romantico, por ver a miseria da mesquinha prosa em que nos aterramos.

Quem hoje se importa com ideaes, que se não troquem em commodidades egoistas da vida, em honrarias mentirosas, em considerações merecidas a hypocritas?

Dinheiro! Dinheiro! Para isso é que se trabalha, para isso é que se lucta. E todos aquelles que sobre tudo o consideram são cumplices em todos os crimes que por causa d'elle constantemente são commettidos.

Ainda ha poucas semanas, por umas tristes libras roubadas, que pequeno prazer trouxeram aos facinoras, tres pobres velhos, perto de Mafra, foram cruelmente mortos á paulada, de fórma tão barbara que se arripia a gente de ouvir contal-a.

Vão se os crimes accumulando e a culpa não é dos criminosos, que seriam, até na melhor das sociedades, talvez menos bem recebidos com sua honradez e virtude que um dia tiveram, do que fazendo guisalhada com bom dinheiro, cuja origem indagam muito poucos escrupulosos. Assim foi sempre talvez; mas nunca assim, tão milagrosamente, como agora, o oiro abriu todas as portas.

Ha crimes e crimes; ha os que por todos são vistos; ha os que ninguem vê, mas todos sabem. Matar tres velhos á paulada é requintadamente barbaro, e estou d'aqui vendo muito agiota que, mata suas victimas á fome, pondo agora as mãos na cabeça e gritando como um justo indignado.

Pois, meu usurario, cumprimentado respeitosamente na sociedade, não vales muito mais do que Gaiteiro, Faneca & C.ª, e não é maior a tua vergonha do que a d'elles. Desavergonhado como tu é quem te cumprimenta, são os paes roubados que offerecem suas filhas aos teus filhos, são os que se humilham, quando passas, e não se importam de ir buscar com os dentes, para que te rias, o dinheiro que deixas cahir na lama. Esse é que é o mal, que faz abrir as navalhas dos fadistas para roubar quem vai passando e leva a desgraça ás familias onde as filhas se perdem, porque as mães já se perderam.

Ha dramas que se vêem, ha muitos de que já se não faz caso tão vulgares se tornaram. Mas n'essa carreira, em que todos vão atraz d'um pedaço d'oiro, quantos no caminho escorregam, quantos ficam na queda que mettem nojo, quantos esfalfados morrem, quantos para que não haja peso que os estorve alijam honra e vergonha.

No *Remedio contra a usura*, livrinho que me remetteu Trindade Coelho, ao agiota se chama ladrão, e ainda os de Mogadouro são felizes que os teem lá a 16 por cento. Ha ahi em Lisboa casas de penhores onde se empresta a 96 por cento ao anno. Mas quem diz que o dono não é digno do maior respeito? Ora essa! Gaiteiro, Faneca, Penhorista & C.ª, tudo homens de bem, com processos differentes.

E por isso a cada canto de Lisboa encontra-se um drama de miseria, miseria pela fome, miseria pela avareza. A forma de assassinar é que diverge d'um para outro faccinora, e ainda bem que assim é, para commodidade e vantagem dos auctores dramaticos. Não ha despezas de fantasia. A vida real dá para tudo, á grande e muito de sobejo, quer no comico quer no tragico. Grandes dramas e grandes comedias, é pedir por bocca, a lista é inexgotavel.

E foi assim que para todos os paladares tanto cosinharam ultimamente os auctores dramaticos portuguezes, que se deu o caso raro de serem n'uma mesma noite representados cinco originaes, em cinco differentes theatros.

Risos e lagrimas, foi d'elles e d'ellas achada a inspiração n'essas ruas, n'esses becos, n'essas choupanas, n'esses palacios, por ahi... Risos e lagrimas, titulo que para tudo serve, que em tudo vai bem.

> O bom Democrito ria
> Do que a nós nos causa dôr.
> Elle mui bem o entendia,
> Vamos nós tambem, senhor,
> Fazer o que elle fezia.

Antes com elle do que acompanhado por Heraclito.

Rir! rir!... E ora ahi está porque obtem tamanho exito o *Talvez te escreva*, na Avenida, e o *Nicles* na Rua dos Condes.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS NOVOS REIS DE INGLATERRA

Pelas nove horas da manhã de 24 de janeiro findo, no palacio de Saint James, foi proclamado Eduardo VII rei da Gran-Bretanha e da Irlanda e imperador da India.

No dia 23 havia reunido o conselho privado e o lord chanceller-mór, conde de Halsbury tomou o juramento do novo rei, o qual em seguida recebeu dos conselheiros, pela ordem de precedencia, o juramento de fidilidade, depois do que houve beijamão.

No discurso pronunciado por Eduardo VII no conselho privado, o novo rei de Inglaterra exprimiu a grande magoa do seu coração pela morte de sua mãe e declarou que era seu proposito seguir as pisadas da extremecida rainha que baixára ao tumulo, respeitando inteiramente a Constituição e trabalhando pelo bem estar do povo.

Eduardo VII é filho primogenito da fallecida rainha Victoria. Nasceu em 9 de novembro de 1841. O seu nome de baptismo é Alberto Eduardo e possue os titulos de Principe de Galles, de Saxe-Coburgo-Gotha, duque de Saxe, de Cornwall e de Rothsay, conde de Chester, de Carrik e de Dublin, barão de Renfreu, etc.

Tinha 17 annos quando foi nomeado coronel e cavalleiro da ordem da Jarreteira.

Esteve na Italia em 1859 e na America em 1860 onde ia sendo victima de um attentado de um doido. Em 1861 visitou a Allemanha, a Austria, o Egypto, a Grecia e a Turquia em 1862. Em junho d'esse anno foi recebido por Napoleão III em Fontainebleau. Em 1863 desposou a princeza Alexandra Carolina Maria Carlota Luiza Julia, filha do rei Christiano IX da Dinamarca, nascida em 1 de dezembro de 1844.

D'este enlace nasceram os seguintes filhos: em 3 de junho de 1865 o principe Jorge Frederico Ernesto Alberto, duque de York, herdeiro presuntivo da corôa, membro da camara alta, capitão de marinha, doutor em leis, cavalleiro da Jarreteira, do Tosão d'oiro, da Annunciada, da Aguia Negra; casou em 1893 com a princeza de Tech Victoria Maria, que nasceu em 1867; em 1867 a princeza Luiza Victoria Alexandra, que casou em 1889 com o duque de Fife; em 1868 a princeza Victoria Alexandra Olga Maria; em 1869 a princeza Maude Carlota Maria Victoria, que casou em 1896 com o principe Carlos da Dinamarca.

Depois de casado o principe de Galles ainda viajou por varios paizes, e foi á India em 1875 d'onde regressou no anno seguinte, passando em Madrid e em Lisboa onde lhe foi feita festiva recepção.

OS OFFICIOS FUNEBRES PELA RAINHA VICTORIA, NA CAPELLA DO CEMITERIO INGLEZ, EM LISBOA

No dia 2 do corrente teve logar na capela do cemiterio inglez, á Estrella, os officios funebres, pela rainha Victoria, mandados celebrar pela legação ingleza, em Lisboa.

A'quelle acto religioso concorreu toda toda a colonia ingleza da capital, além das pessoas convidadas especialmente pelo sr. Mac Donnelli ministro inglez n'esta côrte.

Assistiram á ceremonia religiosa S. A. o Infante D. Affonso com seu official ás ordens te-

nente sr. Francisco de Serpa. Sua Magestade a Rainha Regente fez-se representar pelo seu camarista sr. conde de Sabugosa e sua Magestade a Rainha D. Maria Pia pelo seu camarista sr. visconde de Asseca. Esteve presente todo o ministerio e corpo diplomatico; pares do reino, deputados e titulares; representantes da Academia Real das Sciencias, Sociedade de Geographia de Lisboa, Camara do Commercio, Camara Municipal, etc.

Depois da celebração dos officios e da prece pelo rei e familia real ingleza, rei de Portugal e presidente da Republica dos Estados Unidos, o rev. Pope subiu ao pulpito e fez o elogio da fallecida rainha de Inglaterra exaltando as altas virtudes e amor que sua magestade tinha pelo seu povo.

Durante a ceremonia tocou o magnfico orgão da capella e ouviu-se um orpheon, o que tudo concorreu para tornar ainda mais commovente aquelle piedoso acto.

GIUSEPPE VERDI

1813–1901

A musica italiana acaba de perder um dos seus vultos mais notaveis. Falleceu em 25 de janeiro ultimo, o illustre maestro Verdi.

Ha pouco, recebia elle, de todo o universo, milhares de bilhetes de felicitações agourando-lhe um feliz anno; hoje, a sua familia recebe milhares de pesames, de todo o mundo.

Que contraste!

O nome de Verdi era conhecido por todos. E com effeito, quem se não delicia ouvindo o formoso quarteto do *Rigoletto*, a bella symphonia do quarto acto da *Traviata*, a explendida marcha da *Aida* e *duetto* final da mesma opera, e o sentimental quarto acto do *Othello*, paginas sufficientes para consagrar o talento de qualquer individualidade?

* * *

Nasceu Verdi em Roscolo na Italia.

Filho de paes humildes, começou os seus estudos com o organista Provesi.

O capitalista Baressi, prevendo n'elle, um artista de futuro, forneceu-lhe os meios necessarios para terminar a sua educação em Milão. Pouco depois, contrahia matrimonio com a filha do seu dedicado protector, a signorina Margarida Baressi.

Continuando os seus estudos, já em 1837, o cartaz do «Scala», annunciava a primeira representação do «Oberto, conte di S. Bonifacio», a primeira das suas composições apresentada em publico. Foi tal o successo, que o empresario Morelli encommendou-lhe mais tres operas novas. De então para cá, trabalhador incansavel, apresentava sempre, em curtos espaços de tempo, uma serie infinita de operas, todas ellas com uma inspiração superior, e optimamente architectadas. Tinha o seu nome consagrado.

Eis os nomes das principaes, e os annos em que pela primeira vez se cantaram:

1842, *Nabuchodonosor*; 1843, *I Lombardi*, 1844, *Ernani — I due Foscari*; 1845, *Joanna d'Arc — Alsira*; 1847, *Macbeth — I Masnadieri*; 1848, *Corsario*; 1849, *Luiza Miller*; 1851, *Rigoletto*; 1853, *Trovador*; 1854, *Traviata*; 1855, *I Vespri Siciliani*; 1857, *Simão Boccanegra*; 1859, *Ballo in Maschera*; 1862, *Forza del destin*; 1867, *D. Carlos*; 1871, *Aida*; 1887, *Othello*; 1893, *Falstaff*.

Tendo-lhe fallecido a sua primeira esposa, contrahira matrimonio, com a prima-donna Giusepina Strepponi, filha do compositor do mesmo nome, e uma das melhores interpretes de suas operas. Na edade avançada de 88 annos, dormia sobre os louros já alcançados, quando a morte o surprehendeu.

Tão grandes genios nunca deviam desapparecer.

MEDALHA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1900

Publicamos hoje o desenho da medalha da Exposição Universal de Paris, de 1900, gravada por mr. Chaplain, membro do Instituto de França.

No grande numero de recompensas conferidas a expositores portuguezes conta-se a EMPREZA DO OCCIDENTE que concorreu á exposição enviando os 22 volumes publicados do OCCIDENTE, e a parte publicada, ao tempo, do notavel *Diccionario das Seis Linguas* em via de publicação quasi a concluir agora.

Registamos com prazer mais esta recompensa concedida á EMPREZA DO OCCIDENTE como justo premio dos seus esforços para dotar Portugal com duas publicações que honram o paiz em toda a parte, O OCCIDENTE e o *Diccionario das Seis Linguas*.

É esta a quinta recompensa que a EMPREZA DO OCCIDENTE tem tido, sendo a primeira na Exposição Universal de Paris, de 1878; a segunda na Exposição Industrial Portugueza de Lisboa, em 1888; a terceira na Exposição Universal de Anvers de 1894; a quarta na Exposição da Imprensa de 1898; e a quinta no grande certamen de Paris de 1900.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1887-1888

Obras no theatro de S. Çarlos. — Installação da illuminação electrica em todos os serviços e dependencias do theatro. — Companhia de canto e baile. — Reportorio. — Operas e bailes que subiram á scena. — Recitas extraordinarias de Adelina Patti. — Elevação dos preços. — O *High life* toma parte nas ovações á Patti. — Como apesar d'isso o acolhimento á celebre Diva foi inferior ao que tiveram artistas muito inferiores. — Concertos e beneficios. — O incendio do theatro Baquet no Porto. — Numerosas victimas. — Subscripções e beneficios em favor das familias das victimas. — Como sendo grandes os donativos, pequenos foram os soccorros. — Artistas mais notaveis n'esta epocha. — A Patti. — A Theodorini. — Emma Nevada. — Antonio Andrade. — Francisco Andrade. — Alexandre Talazar. — Artistas portuguezes em S. Carlos. — Os manos Andrades artistas já consummados. — Debute de Regina Pacini: grande ovação que teve. — Debute de Mathilde Marcello e Maria Judice da Costa. — Operas novas. — *Romeo e Giuletta* de Gounod. — *D. Branca* de Alfredo Keil. — O major Cypriano Jardim e o seu balão dirigivel no theatro de S. Carlos. — Artistas, amadores, comedias, e oradores em S. Carlos. — Concertos classicos no theatro de D. Maria. — Concertos de orchestra em S. Carlos. — O rei Oscar II da Suecia. — Novos cantores portuguezes. — Fallecimento do maestro Manuel Innocencio.

No intervallo da estação theatral, foram executadas em 1887, no theatro de S. Carlos, varias obras, por conta do governo; foram collocadas novas portas na plateia superior; suprimiram-se os degraus dos corredores, que conduziam para as entradas da plateia superior, e das respectivas portas, sendo substituidos por suaves rampas; foi levantado o chão das tres frisas de boca para dar maior altura ao vão das portas da superior; foi estabelecida a illuminação electrica em toda a sala, scena e dependencias; sendo installado um novo lustre em corôa com 11 braços tendo cada um 18 lampadas de incandescencia e tendo nos anneis do centro 102 lampadas.

Custaram as obras no edificio a quantia de 3:069$950 réis. A despeza com a illuminação electrica attingiu 14:161$085 réis; de modo que o theatro de S. Carlos custou ao Estado, além do subsidio, a quantia de 17:231$035 réis, no anno economico de 1887-1888.

Eis o elenco da companhia lyrica da estação theatral de 1887-1888.

Damas: Helena Theodorini, Adelina Patti, Emma Nevada, Aurelia Cataneo, Regina Pacini, Gabriella Figuet (meio soprano), Giulia Prandi (contralto), Giovachina Oliva. Matilde Olavarri (segunda dama), Feliciana Grippa, Maglioni (segunda dama).

Tenores. Alexandre Talazac, Antonio Andrade, Edmond Vergnet, Oreste Genari, Durini, Turchetto, André Anton.

Barytonos: Francisco Andrade, Scipione Terzi, Julien, Dubois, Ernesto Caracciolo (buffo).

Baixos: Paolo Meroles, Gaetano Roveri, Giovanni Soldá (comprimario), Ghidotti (segundo).

Bailarinas: Valentina Tellor, Maria Galvani, Scorlini, Ricci.

Choreographo: Mazilier.

Scenographo: Luigi Manini.

O reportorio levado á scena foi o seguinte:

Fausto, de Gounod, em 28 de outubro de 1887, por Aurelia Cataneo, Giulia Prandi, (e depois Feliciana Grippa), Matilde Olavarri, Antonio Andrade, Scipione Terzi, Paolo Méroles, Giovanni Soldá.

La Sonnambula, de Bellini, em 30 de outubro, por Emma Nevada (e depois Regina Pacini), Oreste Genari, Méroles, Olavarri, Soldá.

La Traviata, de Verdi, em 1 de novembro, por Nevada (e depois Patti), Ollavarri, Magioni, Alexandre Talazac, Terzi, Durini, Soldá, Dubois, Ghidotti.

Rigoletto, de Verdi, em 4 de novembro, por Nevada (e depois Patti), Prandi, Olavarri, Antonio Andrade, Francisco Andrade, Gaetano Roveri, Durini, Soldá, Ghidotti, Foresti.

Aida, de Verdi, em 5 de novembro, por Aurelia Cataneo, Gabriella Figuet, Antonio Andrade (e depois Vergnet), Terzi, Durini. Roveri, Dubois.

Gli Ugonotti, de Meyerbeer em 10 de Novembro, por Helena Theodorini, Giovacchina Oliva, Prandi, Olavarri, Talazac, Francisco Andrade, Méroles, Roveri, Durini, Soldá, Dubois, Ghidotti, Foresti.

Lucia di Lammermoor, de Donisetti, em 19 de novembro, por Nevada, (e depois Pacini), Olavarri, Talazac, (e depois Vergnet), Terzi, Roveri, Durini, Ghidotti.

Un ballo in maschera, de Verdi, em 22 de novembro, por Aurelia Cataneo, Giovacchina Oliva, Prandi (e depois Grippa), Antonio Andrade, Francisco Andrade, Roveri, Soldà, Ghidotti.

Lucrezia Borgia, de Donizetti, em 26 de novembro, por Theodorini, Prandi, Talazac (e depois Genari), Méroles, Soldà, Dubois, Turchetto, Durini, Ghidotti, Foresti.

La Gioconda, de Ponchielli, em 6 de dezembro, por Theodorini, Figuet, Prandi, Antonio Antonio Andrade, Francisco Andrade, Roveri, Soldà, Durini.

Dinorah, de Meyerbeer, em 8 de dezembro, por Nevada (e depois Patti), rPandi, Olavarri, Genari, Francisco Andrade, Roveri, Durini.

Romeo e Giulietta, de Gounod, em 18 de dezembro, por Theodorini, Prandi, Olavarri, Talazac, Terzi, Méroles, Julian, Turchetto, Soldà, Ghidotti.

Linda di Chamounix, de Donizetti, em 27 de dezembro, por Adelina Patti, Prandi, Olavarri, Genari, Francisco Andrade, Méroles, Durini, Soldà.

Ruy Blas, de Marchetti, em 29 de dezembro, por Cataneo, Prandi, Olavarri, Antonio Andrade, Francisco Andrade, Méroles, Durini, Soldà.

Crispino e la Comare, dos irmãos Ricci, em 4 de janeiro de 1888, por Patti (e depois Pacini), Olavarri, Genari, Terzi, Caracciolo, Roveri, Soldà.

Il barbiere di Siviglia, de Rossini, em 9 de janeiro, por Patti, Olavarri, Genari, Francisco Andrade, Roveri, Caracciolo, Soldà, Ghidotti.

L'Ebrea, de Halévy, em 14 de janeiro, por Theodorini, Oliva, Edmond Vergnet, Méroles, Genari, Dubois, Hernandez, Ghidotti.

Il Trovatore, de Verdi, em 9 de março, por Cataneo, Figuet, Olavarri, André Anton, Terzi, Roveri, Durini.

D. Branca, de Alfredo Keil, em 10 de março, por Theodorini, Figuet, Prandi, Olavarri, Antonio Andrade, Francisco Andrade, Méroles, Durini, Ghidotti, Foresti.

I Puritani, de Bellini, em 2 de abril, em que entraram Regina Pacini, Olavarri, Genari, Durini, Carbonelli, Roveri, Soldà.

Houve n'esta epocha apenas duas pequenas danças:

Em 4 de novembro de 1887, *Divertissement*, de Mazilier, por Valentina Tellor e Maria Galvani, (e depois Scorlini), Ricci, e corpo de baile.

Em 28 de janeiro de 1888, *Divertissement*, de Mazilier, pela bailarina Ricci e corpo de baile.

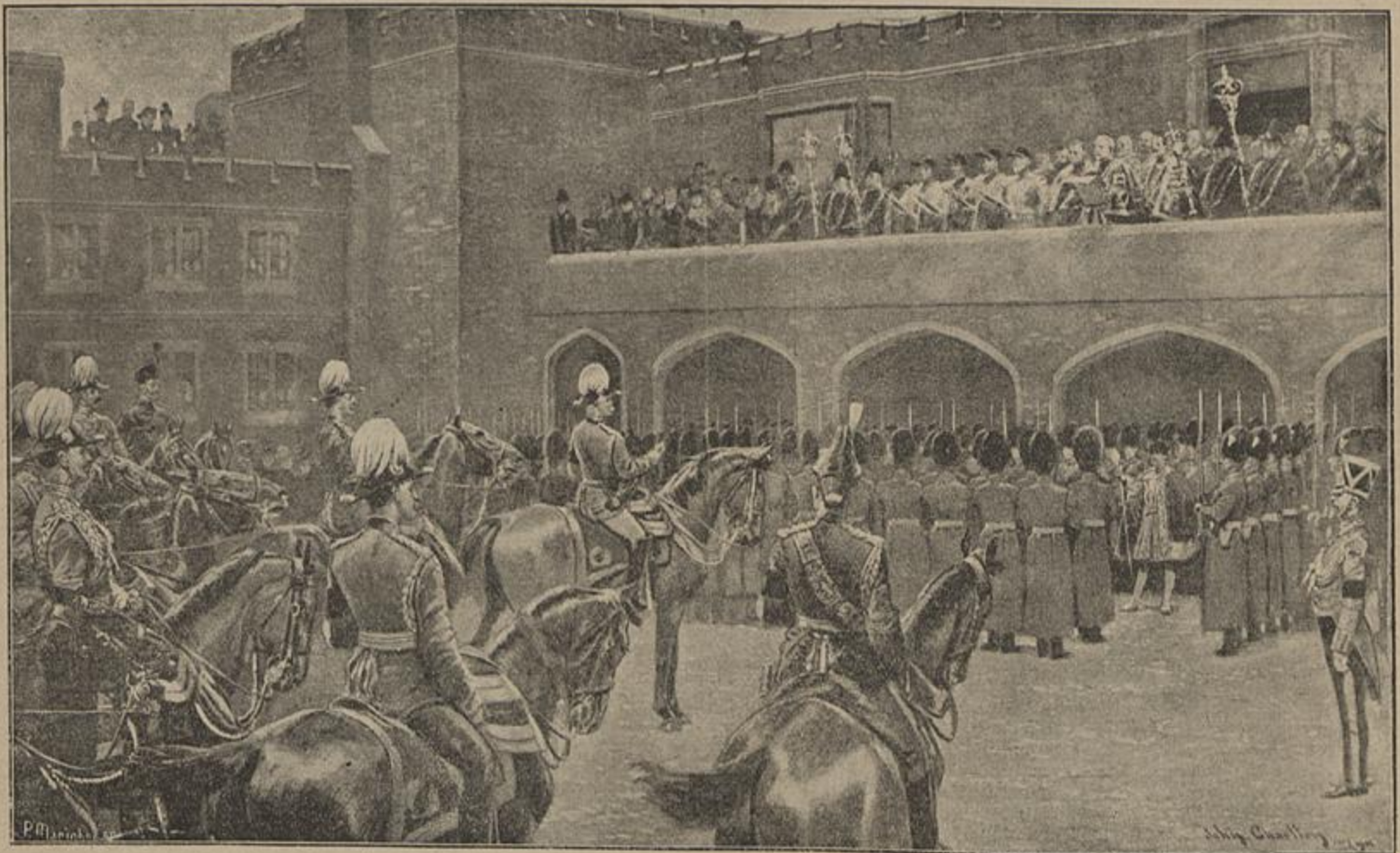
Na terça feira de entrudo, 14 de fevereiro de 1888, houve baile de mascaras.

Foi esta epocha abrilhantada pela grande artista Adelina Patti que cantou em 8 recitas, tendo sido primeiramente escripturada para dar seis recitas extraordinarias, e depois mais duas. — Os preços de entrada foram elevados da maneira seguinte, para as primeiras seis recitas:

	assign.ª ordin.ª	assign.ª nova	avulso
Frisas	171$000	180$000	36$000
1.ª ordem	188$100	198$000	40$000
2.ª «	119$700	126$000	24$000
3.ª «	85$800	90$000	16$000
Torrinhas	51$300	54$000	10$000
Superior	25$650	27$000	6$000
Geral	14$250	15$000	3$000
Galerias	8$550	9$000	1$500
Varandas	5$700	6$000	1$000
Entrada	»	»	$500

Para as duas ultimas recitas os preços foram nas mesmas proporções.

As representações, em que cantou a Patti, foram as seguintes:

1.ª em 15 de dez.º de 1887. — *Traviata*
2.ª « 27 « « — *Linda di Chamounix*
3.ª « 31 « « — *Dinorah*
4.ª « 4 de jan. de 1888. — *Crispino e la Co-*

PROCLAMAÇÃO DE EDUARDO VII, NO PALACIO DE SAINT JAMES — 24 DE JANEIRO DE 1901

mare; cantando no final do ultimo acto a Patti a valsa *Diva*, de Alberto Visetti.

5.ª em 9 de janeiro de 1888 — *Il Barbiere di Siviglia*; no 3.º acto, á lição, cantou Patti a cavatina da *Semiramide*, de Rossini, e no final da opera a romanza «*Si vous n'avez rien à me dire*», da baroneza de Rotschild.

6.ª em 13 de janeiro de 1888 — *Rigoletto*

7.ª » 17 » » » » — *Crispino e la Comare*; no final da opera cantou Patti a valsa «*Il bacio*» de Arditi.

8.ª em 23 de janeiro de 1888 — *Rigoletto*

Na ultima noite da Patti o theatro achava-se illuminado com o maximo numero de luzes. Uma commissão de senhoras da aristocracia, promove uma festa de despedida á celebre diva, com flôres, corôas, palmas e mais manifestações do costume; comtudo a ovação foi chocha. A intervenção d'aquellas damas nos applausos á Patti, teve por fim obter da artista que cantasse em um beneficio em favor das créches; e a original cantora que, na precedente vez que estivera em Lisboa, se recusara obstinadamente a isso, dando logar aos episodios que atraz narrámos, d'esta vez cedeu, promettendo cantar no tal beneficio, quando regressasse de Madrid, onde tinha compromissos de cantar pouco depois. Com effeito mais tarde, como veremos, Adelina Patti cantou, de passagem por Lisboa, em um concerto de beneficencia, n'esta cidade.

Em 15 de janeiro de 1888, despedida de Emma Nevada, representou-se o 1.º acto da *Traviata*, o rondó da *Lucia de Lammermoor*, rondó da *Sonnambula*, e canzão de Mysoli, da opera *La perle du Brésil*, de Felicien David, pela cantora Nevada; concluiu o espectaculo por um *divertissement*, de Mazilier.

Em 28 de dezembro de 1887, em despedida do tenor Talazac, representou-se a opera *Romeo e Giulietta*, cantando Talazac a invocação da opera *Reine de Sabá*, de Gounod, e a romanza *Printemps nouveau*, de Paul Vidal.

Em 20 de fevereiro de 1888, em beneficio da caixa de soccorros para estudantes pobres, houve espectaculo no theatro de S. Carlos: cantaram: Regina Pacini o rondó da *Lucia*, Paulina Stegner (amadora) a romanza *Cuor di*

CAPELLA NO CEMITERIO DOS INGLEZES, EM LISBOA,
ONDE SE CELEBRARAM OS OFFICIOS FUNEBRES, PELA RAINHA VICTORIA,
EM 2 DO CORRENTE

(Desenho do natural por Alberto Silva)

donna, de Logheder, Francisco Andrade a romanza *La charité*, de Faure, e aria da opera *Carmen*, Antonio Andrade, romanza da opera *Luiza Miller;* tocaram guitarra os artistas da Tuna compostellana; representaram scenas comicas os actores Antonio Pedro, Valle, e Silva Pereira.

No domingo, 4 de março de 1888, pelas 2 horas da tarde, houve um concerto em beneficio da associação das crèches e do pianista Eugenio Masoni, que uma pertinaz doença de cerebro continuava a impossibilitar de trabalhar; a orchestra tocou a symphonia de *Vespri siciliani*, e dança das bachantes de *Philemon et Baucis* de Gounod; Patti cantou a cavatina de *Semiramide* de Rossini, romanza *l'eco* de Eckert, valsa *Il bacio* de Arditi; Regina Pacini cantou a *valsa* de Venzano, e a polaca da opera *Mignon* de Ambroise Thomas, Rey Collaço tocou no piano *variações* de Kendall, e *Tango* de Gottschalk; Antonio Andrade cantou o adagio do duetto do 2.º acto da opera *Carmen;* Francisco Andrade a romanza *La charité* de Faure; Terzi a romanza *Io tornero* de Tosti, Vergnet a aria da opera *Joseph* de Mehul, Meroles a romanza *La mia bandéra* de Rotoli, Antonio Andrade, Francisco Andrade e Méroles cantaram o tercetto da opera *Guglielmo Tell.*

Em 19 de março, em beneficio da associação musical 24 de junho houve concerto composto dos seguintes trechos.

A orchestra executou a abertura da opera *Mignon*, o entre-acto do 3.º acto da mesma, e a abertura da *Forza del destino;* Rey Collaço tocou *andante spienato e polonaise* de Chopin; Terraza e Rocamora a abertua da opera *Campanone* de Mazza, e *recuerdo de España.*

Theodorini cantou: *Mazurka de Chopin* de Viardot, *Paloma* de Yradier, valsa de *Romeo e Giulietta* de Gounod, Regina Pacini o rondó da *Lucia*, Figuet o arioso da opera *Propheta*, Antonio Andrade o adagio do duetto do 2.º acto da opera *Carmen*, Francisco Andrade *Les rameaux*, romanza de Faure, Vergnet *Les enfants*, romanza de Massenet e aria da opera *Joseph* de Mehul, Méroles a aria do 4.º acto da opera *D. Carlos*, de Verdi, Antonio de Andrade, Francisco de Andrade e Méroles cantaram o tercetto de *Guilherme Tell* de Rossini.

Em 26 de março, em beneficio das familias das victimas do horroroso incendio do theatro Baquet no Porto, occorrido na noite de 20 do mesmo mez, deu-se: 1.º acto da *Linda di Chamounix*, 2.º do *Ballo in machera*, rondó da *Lucia de Lammermoor*, por Pacini, symphonia da opera *Forza del destino*, 4.º acto da *Gioconda*, e um *divertissement.*

(Continua)

Francisco da Fonseca Benevides

GIUSEPPE VERDI — Fallecido em 25 de janeiro de 1901

O Real Theatro de S. Carlos

ANTONIO ANDRADE

FRANCISCO ANDRADE

QUESTÕES SOCIAES

(LUXO E TABERNA)

A todo aquelle que encarar com espirito sisudo a nossa sociedade, tão frivola, ha de deparar-se immediatamente a tendencia quasi geral para a ostentação.

O luxo, quando não fosse um mal perigoso, seria sempre um estado morbido, de exhalações pestilenciaes, reclamando cauterios energicos. Que cada um, na medida justa de suas aspirações, procure mudar de posição, busque obter mais rendimento, deseje avançar na carreira, é naturalissimo e até digno de louvor; mas que, sem attender ás circumstancias e condições, queira egualar e mesmo exceder o nivel de individuos mais abastados, aos quaes a fortuna faculta a satisfação completa de todas as vontades, é ser insensato, pretender abarcar uma montanha ou despenhar-se no crime.

A historia das prisões, como os annaes do vicio, patenteam casos innumeros de desenlace triste e de deslustre infamante, a que deu causa exclusiva a sensação enganadora do luxo.

Um cerebro e uma vontade só estimulados por ambição immoderada mais depressa encaminham e impellem ao canalhismo vil da intriga, á pratica do roubo e ao assassinato cobarde, do que ao labutar quotidiano do trabalho honrado.

E' assim que surgem os Pranzini, os Eyrau, os Ravachol, naturezas singulares, organismos moralmente rachiticos em que a alma, particula imponderavel, centelha immortal que em nós revela o esplendor da Divindade, parece adormecida.

Se todos se compenetrassem bem de que é a um cadaver a que afinal se reduzem as esperanças do mundo, em que se transformam todos os sonhos de felicidade; se a luz da fé christã a todos mostrasse que a ventura perfeita e as puras alegrias não são da terra mas pertencem ao Céu, não veriamos milhares de cadeias cheias de miseraveis, nem tantos prostibulos polluindo constantemente as que já foram donzellas castas.

E já que falo da mulher, não resisto a transcrever uns adoraveis periodos de bom senso, escriptos por M.^me M. de Marcey, n'um seu bello livro dedicado á metade estremecida e gentil do genero humano:

«Sempre me aterra um casamento *magnifico*, ou antes o que o mundo assim chama, por aquella que o contrae; porque com elle prende as mãos, compromette a sua influencia e vende os seus direitos. Cêdo ou tarde se lhe fará conhecer dolorosamente, assim na sociedade em que entra, como tambem na familia de que passa a ser membro, que a todos é obrigada e que uma pessoa em tal posição não tem vontade propria. Ah! é má arvore a ambição, que nunca produziu bons fructos!»

Se para rodar em carruagem soberba, puxada por cavallos famosos, envolvendo em nuvens de poeira a multidão ignara e petulante dos lisongeiros hypocritas e bestialmente sensuaes; se para trajar vestidos de seda finissima com rendas primorosas, habitar palacios de marmore e possuir anneis de brilhantes, não se duvida vender o corpo e mentir á consciencia diante dos altares; se mancebos mal educados, com tanto que esgotem a taça dos prazeres materiaes em banquetes de orgia, nos azares do jogo e no triumpho ridiculo de vaidades, não hesitam em desprezar o lar domestico, templo da familia, e voltam as costas cynicamente á egreja de Jesus Christo, outro templo mais augusto; se tantas cabeças ôcas, nos nossos dias, apenas se enlevam pelas apparencias, esquecendo o exemplo significativo e profundo do Deus que quiz ser humilde em Bethlem e humilhado no Calvario, taes symptomas de degeneração e decadencia moral demonstram a pessima orientação em que vamos seguindo, accusam a falta de sentimento religioso, avisinham-nos do precipicio fatal das paixões infrenes, dos impulsos violentos, em que só impera o bezerro d'ouro, idolo manchado, miragem chimerica que ha muito mais de 40 seculos tem vindo deixando sobre a terra rastos de sangue.

O reinado pleno do luxo importa na impossibilidade de manter o equilibrio financeiro, de cuja quebra promanam a licença nos costumes, a desconfiança no seio das familias, a falta de ordem nas sociedades, n'uma palavra, a desorganisação geral.

Assistir indifferente á loucura do luxo, mais do que estulta leviandade, é attentar aos principios inalteraveis de justiça que devem presidir aos destinos da nossa especie; não procurar embargal-o no incremento, ou preconisal-o, é assumir grande responsabilidade se se é pae e renegar voluntariamente a lei de Christo, que pelo sacrificio da cruz tornou perfeitamente eguaes todos os homens.

Nunca devemos esquecer que foi dito ha quasi dois mil annos: «Bemaventurados os humildes, porque d'elles é o reino dos céus».

Vinet escreveu no livro *A arte e a archeologia* este conceito admiravel: «Le cabaret, ce pandémonium du travailleur dans les dernières couches de la société; le cabaret, cette source de crimes...»

Suppondo de reconhecida utilidade e absolutamente indispensaveis as casas de venda conhecidas pelo nome de taberna, só distingo dois casos que justifiquem a sua frequencia: a necessidade de comprar vinho para beber em casa, á hora da comida, no seio da familia; e como local onde por circumstancias especiaes, um ou mais individuos de trabalho possam tomar qualquer refeição, sem mais demoras além do tempo estrictamente preciso.

Fóra d'estes casos, ninguem entra ou sae d'uma taberna perfeitamente indemne.

Empenho, embriaguez, jogo, assassinato, prisão preventiva, penitenciaria, degredo, patibulo, nos paizes que conservam em seus codigos pena ultima, esta singular associação assenta arraiaes em seu interior e repercute-se desgraçadamente no meio de pessoas estranhas ao vicio.

A historia do crime, o cadastro dos bandidos celebres abarrotam de scenas repugnantes e de planos machiavellicos, passadas aquellas e urdidos estes no recinto da taberna.

Ainda se o genero humano não contasse ociosos, não haveria talvez grande risco em ir ás tabernas; mas, abundam infelizmente em todas as classes os inimigos do trabalho, que não só constituem por si mesmo eminente perigo para a segurança individual da gente honesta, como o seu mau exemplo, seduzindo e transtornando a mocidade leviana e descuidosa, torna-se terrivel ataque á ordem publica.

Disse Janet com muita propriedade: «Nada pode a educação sem o exemplo: advertencias conselhos, ameaças e recompensas, tudo vem projectar-se na superior influencia do exemplo».

O que pode, pois, ser a taberna como exemplo?

Que especie de lição pode ministrar-se no antro abjecto da maldade e no valhacouto de criminosos?

Escola de embrutecimento, olhares turvos, sentir baixo nunca converteram preitos nem esclareceram ignorantes.

A taberna é contraria á luz, e encerra grande verdade o dizer de Michelet: «Baisser, ne plus pouvoir faire acte de volonté qui vous relève, quoi de plus triste?»

Era para aqui que deviam convergir as attenções dos que, dizendo-se defensores do operario e do trabalhador, vão fazendo discursos ás massas que embalam com palavras que ellas não comprehendem, mas que a astucia oratoria de taes palradores *dedicados* pinta de modo a produzir sonho de delicias.

«A natureza da dedicação, diz Ad. Franck, revela-nos a grandeza e a belleza d'ella. Não ha nada que dê ao homem uma idéa mais elevada de si mesmo do que a necessidade que elle sente, e a lei que lhe impõe a obrigação de procurar a sua felicidade na felicidade dos outros, de consagrar as suas forças, a sua intelligencia, o seu descanço, a sua propria vida ao bem-estar dos seus semelhantes, ao aperfeiçoamento moral d'elles, e de se não considerar mais que um instrumento, instrumento livre e responsavel, da ordem universal».

É esta a dedicação dos nossos conferentes publicos, pseudo-socialistas de ultima hora, sempre em viagens de interesse pessoal e em banquetes fornecidos com o dinheiro de multidões mystificadas?

Sei que teem orado com gaudio proprio e a contento de muitos sandeus embasbacados; consta-me que passeiam á custa alheia dentro do paiz e no estrangeiro; leio nos jornaes que tiraram com dispendio d'outrem em salões adornados; aquillo porém de que até hoje não tive conhecimento foi de que algum d'elles tentasse afastar das tabernas os seus frequentadores mais assiduos, que lá deixam todo o salario ou a féria; empregasse a sua arte de falar no intuito nobre de diminuir os effeitos perniciosos do alcoolismo; procurasse, antes de aconselhar á greve e á rebellião, instruir gratuitamente os mais boçaes.

Ha uma cousa certa para mim nesta materia: que a manha os guia, a manha os sustenta, a manha os tapa.

Desviar o seu semelhante de precipicio é dever humano e empreza generosa.

«Luz! mais luz ainda!», dizia Goeth ao expirar.—Treva! mais treva ainda!—proclama quem não intenta pôr dique á lava da taberna.

D. Francisco de Noronha.

O SENHOR FRANCISCO

(RECORDAÇÕES DE 1848)

POR

Ivan Turgeniew

(Continuado do numero antecedente)

Sorriu friamente o incognito, como se me tivera lido no pensamento.

Ora! a litteratura não é arte! proferiu, com desassombro. A litteratura deve, acima de tudo, divertir, e a unica que é capaz de o fazer, é a biographica.

—Vejo que é grande amador de biografias?

—Não é isso—vejo que me não comprehendeu. Refiro me a essas obras em que o auctor fala de si proprio, entregando-se ao juizo do leitor—á mofa—quero dizer. E é a unica coisa que os auctores tem certo—que ainda assim... E é por isso mesmo que Montaigne é o maior entre os escriptores.—E é o unico!

—E tido como um refinadissimo egoista,—disse, a medo.

—É, mas está n'isso a sua força. Foi o unico que teve o arrôjo de patentear a um tempo o seu egoismo, e apresentar se como objecto de mófa até á ultima pagina. Eis o motivo porque me diverte. Leio uma pagina, leio outra, e riu-me á custa d'elle, e á minha, ainda mais. *E basta* (sic).

—Mas os poétas?

—Os poétas! —Esses tratam de musica, da musica das palavras, e já conhece a minha opinião com respeito á musica.

—Mas que havemos, então, de ler? O que hade ler o povo? ou suppõe, acaso, que o povo não deva ler?

—Eu bispára, no dedo do incognito um anél com um brazão e, a despeito do seu aspecto sordido, afigurou-se-me que devia nutrir opiniões aristocraticas, e que podia muito bem ser que pertencesse á aristocracia.

Proseguiu:

—O povo deve ler.—O genero da leitura é que se torna absolutamente indifferente. Ha quem diga que lá na Russia os camponêzes não têm senão um livro unico. (É *Fransilio o veneziano* disse eu comigo.) Quando o exemplar está tão velho, que o papel cai a pedaços, tratam logo de comprar outro. E fazem elles muito bem. Dá-lhes importancia, a seus proprios olhos, e impede-os de reflectir.—Esses, então, que vão á egreja, nem mesmo têm precisão de ler.

—Dá pois tanta importancia á religião?

O incognito dardejou-me um olhar por cima dos óculos:

—Não creio em Deus, meu caro senhor. Mas a religião é objecto importante. Ser servo d'ella, ser padre, constitue, talvez, a melhor das vocações. São uns meninos, os taes padres!—Esses—esses é que entenderam devéras a verdadeira essencia do poder: mandar com humildade, obedecer com sobranceria, ahi é que está o segredo. O poder! Ter na mão o poder, é n'este mundo a unica ventura!

Ia estando affeito ás guinádas e aos saltos da nossa conversação, e todo o meu esforço consistia unicamente em acertar o passo pelo do meu singularissimo interlocutôr, sem me deixar ficar para traz. Quanto a este, falava com ar sereno, desassombrado, como se os axiomas todos que me ia impingindo com tanta improencia se deduzissem logica e naturalmente uns dos outros; e ao mesmo tempo, percebia-se muito bem que lhe era absolutamente indifferente que estivessem ou não, de acôrdo com elle.

—Visto que tanto ama o poder, adduzi, já que a tal ponto préza o clero, porque não seguiu esse caminho, porque se não fez padre?

—E' justa essa sua observação, meu caro senhor, eu, porém, mirava mais alto, pois saberá que aspirava a fundar uma religião. Cheguei a fazer uma tentativa emquanto estive na America. E d'ahi, não era eu o unico que tal intentava; não falta por lá quem se occupe muito d'essas coisas.

—Comque, então, tambem esteve na America?

—Lá passei dois annos. Já deve ter notado que de lá trouxe o pessimo habito de mascar tabaco. Nem fumo, nem cheiro tabaco, mastigo-o. Perdão!

E voltou se de lado para cuspir.

«Tornando porém ao assumpto, eu nutria, pois,

o projecto de fundar uma religião. Tinha até encontrado uma lendasinha bem bonita. Para que me acceitassem, era indispensavel ser martyr. Onde falta esse cimento não ha solidos alicerces. Não succede como na guerra, onde é muito facil derramar o sangue d'outrem. Derramarmos, porém, o nosso, sou um seu creado — ! Dei de mão ao negocio!

Calou-se por instantes:

— Inda ha pouco, continuou, alludi ao amor que eu tenho ao poder. Disse uma verdade. Aqui onde me vê, estou ainda persuadido de que hei-de vir a ser rei.

— Rei, ora essa!

— Rei, sim, rei .. pr'ahi de qualquer ilha sem habitantes.

— Um rei sem subditos, n'esse caso?

— Isso de subditos sempre se arranjam. Os senhores lá na Russia teem um proverbio que diz: «Haja pia que porcos não faltarão.» Está na natureza dos homens o submeterem-se; em caso de necessidade, atravessarão o oceano a nado até á minha ilha em procura d'um amo. E' como lhe digo, acredite.

O que elle é, é doido, disse comigo.

— Não será esse o motivo que levára os francezes a submeter se a um Bonaparte?

— E' esse mesmo, sem tirar nem pôr, meu caro senhor.

— Perdão, perdão, exclamei. Os francezes já tem rei, já tem senhor. Essa necessidade de submissão está portanto satisfeita.»

Abanou a cabeça.

— Ora! é exactamente ahi que está o *hic*. O nosso rei actual, Luiz Filipe, sente que não é um senhor, um despota. Mas, sabe que mais, deixemo-nos de politica.

— Prefére falar de filosofia?»

Expelliu para longe o tabaco mascado, á americana.

— Ah!» proseguiu; apraz-lhe a ironia! Pois bem, não se me dá de falar em filosofia. Tanto mais que a minha filosofia é simplicissima. Não se parece com a allemã, que eu, para que digamos, conheço assaz pouco, mas que abomino, como tudo quanto é allemão.»

Os olhos do incognito injectaram-se.

— Sim, adduziu, detesto-os, porque sou patriota. E o senhor, na sua qualidade de russo, deve tambem detestal-os.

— Peço perdão...

— E se lhes não tem odio, peior pára o senhor.

— Espere lhe pela pancada — hão de lh'a pregar na bochêcha! Abomino-os, temo-os, accrescentou baixando a voz. E uma das minhas mais gratas recordações, é o ter tido a boa sorte de lhes pregar um par de tiros, aos taes allemães.

— Onde foi isso?

— Onde havia de ser? na Italia... molhei a minha sopa. Sabe que mais, voltemos á filosofia. Como tive já a honra de lhe participar, meu caro senhor, toda a minha filosofia consiste no seguinte: na vida humana ha duas desgraças: o nascimento e a morte. A segunda é a maior, pois que pode ser voluntaria.

— E a vida humana?

— Hum-hum, não é facil de dizer. Deve notar, tambem, que na vida do homem não ha senão duas coisas boas, e dão-se quando elle participa do nascimento ou da morte, quero dizer, de uma das duas grandes desventuras a que ha pouco me referi.

— Sim, a guerra, a caça e o amor, como dizem os hespanhoes. Verdade seja que acrescentam: por cada prazer, mil dôres.

«Guerra, caza y amores
Por un placer mil dolores.

— Bravo! Esses demonios d'esses hespanhoes tem, ás vezes, coisas boas. E ahi está uma prova da justeza da minha filosofia. Mas, disse, largando a cadeira, temos falado as estopinhas. Até mais ver...

— Espere ahi, espere ahi — exclamei.

— Estamos a conversar ha mais de uma hora, e ainda nem sequer sei com quem tenho a honra de...

— E' o meu nome que quer saber? Para quê? Não lhe perguntei pelo seu. Nem procurei informar-me da sua morada; nem julgo tambem urgente dizer-lhe onde móro, a toca em que resido. Encontrar-nos-hemos aqui — Optimamente. Distrahe-se com a minha conversa. Piscou o olho com ar de malicia.

— Diverte-se á minha custa.»

Sentia-me um tanto melindrado.

Sim, senhores! O tal sujeito, a final, era um tanto semcerimonia.

— Inspira-me interesse, proferi, accentuando palavra por palavra, mas não me agrada.

— E o senhor a mim não me inspira interesse, mas agrada-me. Quer-me parecer que, para relações do teor das nossas, isso basta. Se lhe apraz, pode chamar-me o senhor Francisco; e eu, se m'o permitte, chamar-lhe-hei o senhor Iwan. Quasi todos os russos são Iwans. Tive ensejo de o observar, emquanto soffri o dissabor de residir, na qualidade de preceptor, em casa de um dos seus generaes, em uma das provincias da sua terra. Forte asno era o tal general! E como era pobre a tal provincia. E, por aqui me sirvo, senhor Iwan, muito bons dias!

Girou sobre os calcanhares, e elle ahi vae.

— Passe muito bem, senhor Francisco — exclamei tambem.

Que casta de homem será? perguntei a mim proprio, emquanto metia a caminho de casa. Que ente tão estrambotico! Estaria a caçoar comigo? Estará convencido do que disse? Quaes serão as suas occupações? O seu passado? Elle, afinal, o que será? Litterato mal succedido; perfeito n'algum collegio, industrial dado em droga, fidalgote de poucos meios, actor á boa vida? O que poderá induzil-o a fazer-me confidencias?

Formulei a mim proprio esta enfiada de perguntas, e, como devem suppôr, a nenhuma encontrei resposta. Excitára-se-me a curiosidade e não foi sem uma tal ou qual commoção que voltei no outro dia ao Palais-Royal. D'esta vez, porém, debalde esperei pelo meu original. Mas, no outro dia, appareceu outra vez debaixo do toldo do botequim.

«— Hola, senhor Iwan! exclamou, assim que me lobrigou, bom dia! Com que então o destino reuniu-nos mais uma vez! Como vai isso?

— Menos mal, e o senhor Francisco?

— Vae-se andando. Hontem, porém, ia-me levando a bréca. Caimbras no coração:— cheirava a defuntos — um fedor de mil diabos! Mas, já lá vae. Vamos assentar-nos acolá, no jardim; por aqui está muita gente. Não posso tolerar que me estejam mirando de revez, nem que se encostem a mim por detraz. O tempo, de mais a mais, está optimo...

Fomos assentar-nos para o jardim. Lembro-me de que, quando foi necessario pagar os dois soldos das cadeiras, sacou d'um *porte-monnaie* muito usado e assaz chato, no qual barafustou demoradamente, e que apenas continha os sobreditos dois soldos, nem mais nem menos. Eu estava á espera de nova exposição dos seus paradoxos: pelo contrario. Entrou a tirar de mim indagações relativas a certas personagens russas, importantes n'aquella época. Respondi-lhe. Elle, porém, exigia sempre novos pormenores, mais anecdotas biographicas. O senhor Francisco estava sciente de muita coisa de que nem eu sequer suspeitava.

Não havia que vêr, o homem possuia vasto cabedal de conhecimentos.

A pouco e pouco, a conversa foi descambando para a politica. Era difficil de evitar, dada a excitação em que se achavam os animos. O senhor Francisco, como por demais, e sem lhe ligar importancia, mencionou os nomes de Guizot e de Thièrs.

Referindo-se ao primeiro, observou que a França, na verdade, tinha macaca.—Apenas se encontrou um homem unico, dispondo de vontade firme, mas sempre a contra-pêllo.

Quanto ao segundo, accrescentou: o seu papel caducou ha muito tempo.

— Que está dizendo, exclamei, se ainda agora o começa a representar! Senão, veja os discursos que tem proferido na Camara.

— Outros homens virão, murmurou; e esses discursos tôdos, só servem para fazer bulha. Nada máis. Vem um sujeito n'um bôte, interpellar a catadupa; ella n'um abrir e fechar d'olhos vira-lhe o bote, de cangalhas, com elle lá dentro. E d'ahi, o senhor não me acredita, bem o sei —, e... moita!

— Como assim? — proseguiu — Suppõe, acaso, que seria Odillon Barrot?

A isto, o senhor Francisco, escancarando muito os olhos, soltou uma gargalhada, inclinandc muito a cabeça.

— *Bum, bum. bum!* proseguiu, arremedando o moço que andava servindo o café! E ahi tem o seu Odillon Barrot.

— Visto isso, repliquei, um tanto despeitado, segundo o seu modo de ver, estamos em vesperas da republica? E esses outros homens a quem o senhor se refere, vem então a ser os socialistas?

O senhor Francisco assumiu attitude um tanto solemne:

— O socialismo, meu caro senhor, nasceu entre nós, em França, e em França hade morrêr, se é que não morreu já; porque o hão de matar. E pode morrer de duas maneiras; já pelo ridiculo, porque, no fim de contas, o senhor Considerant não poderá para sempre affirmar impunemente que aos homens lhes ha de crescer uma cauda com um olho na extremidade; ou, então, assim: — e collocou as duas mãos como quem aponta uma espingarda

Voltaire opináva que os francezes não tem cabeça epica: e eu ouso affirmar que os francezes não tem cabeça socialista.

— Não é essa a opinião corrente no extrangeiro.

— Pois bem, senhores extrangeiros, pela centesima vez provam que nos não entendem. O socialismo, no momento actual, exige uma força creadôra. Irá procural-a entre os italianos, entre os allemães, entre os seus compatriotas, talvez. Quanto ao francez, é um inventôr, tem inventádo quasi tudo, mas não é um creadôr. O francez é incisivo e estreito como um florête; penétra no amago das coisas; inventa e acha; para criar, é preciso, porém, ser largo e amplo.

— Como os inglezes, ou como os seus queridos allemães? «adduzi, não sem uma tal ou qual intenção de mófa.

O senhor Francisco não concedêu a minima attenção á minha picuinha.

— O socialismo, o socialismo! proseguiú; não é principio francez. Os nossos principios são totalmente differentes. Temos dois, duas pedras angulares: a revolução e a sotaina; Robespierre e Mr. Prud'home, eis os nossos heróes.

— Devéras? E o elemento militar, para que lhes serve?

— Não sômos um pôvo militar. Admira-se? — Sômos um pôvo valente, muito valente; guerreiro, sim, militar não! Graças a Deus, valêmos muito mais!»

Poz-se a abocanhar o castão da bengála.

— Digo-lh'isto, e comtudo, se nós, francezes, não existissemos, não haveria Europa.

— Haveria America.

— Isso não, porque a America é tambem Europa. — posto que virada ao contrario. Os americanos não possuem uma só d'essas bases em que assenta o edificio europêu. E entretanto, o resultado é o mesmo. E d'ahi, tudo quanto é humano, é sempre a mesma coisa. Recorda-se das palavras d'aquelle sargento instructor aos seus recrutas? Meia volta á direita e meia volta á esquerda são a mesma coisa, sem tirar nem pôr; só com a differença de que são exactamente o contrario.» Pois bem, a America é a Europa que fêz meia volta a esquerda.

— Se a França fôsse Roma, continuou o sr. Francisco, apóz um instante de silencio, que bello ensejo não encontraria um Catilina para se revelar; porquê, dentro em pouco, — d'aqui a nada, — digo-lh'o eu, — meu caro senhor — as pedras... (elevou a voz) os calháos que calçam as nossas ruas, — quem sabe se aqui mesmo, ao pé de nós, hão de ainda beber muito sangue. Mas o que nós não havemos de ter com certeza, são Cesares e Catilinas. Teremos *Prud'homme* e o mesmo Robespierre. Aproposito, não acha que tenho razão em deplorar... que Shakespeare não escrevesse um *Catilina*?

— Visto isso tem Shakespeare em grande conta, comquanto seja apenas um poeta?

— Tenho, era um homem bem fadado, com um tal ou qual talento; sabia vêr a um tempo o negro e o branco, o que é muito mais raro ainda. Uma coisa bem bôa escreveu elle, é o *Coriolano;* das suas peças d'elle, é a melhor.

Accudiu-me a suspeita de que o sr. Francisco tinha mais ou menos costella aristocratica.

— Agrada-lhe talvez o *Coriolano* porque Shakespeare n'essa peça fala com assaz pouco de respeito, direi até, com desdem, da plebe, do povoléo?

— Não, retorquiu o sr. Francisco, não desprézo o povoléo, não desprézo o povo em geral. Antes de que desprezêmos os outros, deveriamos principiar por nos desprezar a nós mesmos — e se o faço é por desabafo, e por mais nada — sálvo se tenho fome, accrescentou em voz baixa, e com ar sombrio. — Desprezar o povo? Porquê? — O povo é como a terra; cultivo-a, se me apraz, e ella sustenta-me; e se não quero, deixo-a em poisio e calco-a a pés. E' verdade que ella, de vez em quando, saccode-se; como qualquer cachorro incharcado; e derruba, então, quanto em cima lhe construimos, e lá se vão todos os nossos castellos de cartas. E d'ahi, são raros esses taes tremôres de terra. Ora! sei muito bem que no fim da festa hade acabar por me engulir, e o povo, esse tambem ha de engulir. Mas que quer, é mal para que não ha remedio.

(Continúa)

Pin-Sél.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

III

As chapas flexiveis, cuja base é em geral a celluloide, não podem ser conservadas como as de vidro em virtude d'esta substancia ser muito nociva á superficie sensibilisada. Uma emulsão que data de tres mezes tem tendencia a ficar velada; por esse motivo, não lhe deveremos dar uma sensibilidade egual aquella que empregamos para o vidro.

O senhor Cash, occupando-se d'este assumpto, apresentou á Sociedade das Artes de Londres, uma ideia sua destinada a resolver esta questão:

Tomemos uma porção de collodion (solução de algodão polvora em alcool, ou ether), desfiemol-o e tratemos esses fios pelo sulphydrato de calcio que tem a propriedade de os tornar ininflammaveis. D'esta forma obtemos uma substancia que depois de secca e estendida sobre um marmore, nos fornece chapas flexiveis em cellulose amorpha e transparente.

Se empregarmos a cellulose proveniente do papel, algodão, madeira etc., obtemos um resultado identico. Dissolve-se esta a quente n'uma solução de chloreto de zinco.

Esta incha e dá um liquido viscoso que precipita no alcool sob a forma de cellulose amorpha.

Se o resultado do que acabamos de mencionar fôr satisfactorio teremos em breve umas chapas flexiveis de cellulose rivalisando sobre o ponto de vista da inercia chimica com as chapas de vidro.

IV

Muitas vezes, no momento da revelação de uma chapa, esta torna-se amarellada, coloração que persiste mesmo ainda depois da fixagem. É sem duvida alguma, um inconveniente que pode prejudicar o resultado final da prova. Para obstar este facto, aconselhamos o processo seguinte. Depois de se ter amollecido a gelatina, (se se tratar de um cliché antigo), mergulha-se este, n'uma solução de formol a 5 %, durante dez minutos, e em seguida no banho cuja formula passamos a dizer:

	cm. 3
Agua..................	500
Solução concentrada de bromio.........	10
Brometo de potassio. .	25 gr.

Sobre a chapa, forma-se o brometo de prata que torna o cliché, branco; depois de o ter lavado, torna-se de novo a revelal-o por meio do amidol obtendo d'esta forma, um cliché perfeitamente incolor.

21-1-901.

Antonio A. O. Machado.

DR. ANTONIO AUGUSTO DA ROCHA

FALLECIDO EM 30 DE JANEIRO DE 1901

MEDALHAS DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1900

NECROLOGIA

DR. ANTONIO AUGUSTO DA ROCHA

Nasceu em Coimbra, em 30 de julho de 1849, e foi dos mais laureados estudantes da Universidade, onde a 9 de julho de 1876 recebeu o grau de doutor em medicina.

Em 5 de abril de 1882 foi nomeado lente da faculdade em que tanto se distinguiu quando estudante.

Fundou e redigiu por largos annos a *Coimbra Medica*, revista scientifica que illuminou com o seu bello talento. N'esta revista e em outras publicações defendeu e sustentou questões de alta sciencia, não sendo as menos importantes as controversias que levantou sobre medicina legal nos celebres processos de Joanna Pereira e de Urbino de Freitas, combatendo as opiniões de professores da Escola Medica de Lisboa e do Porto.

O doutor Augusto Rocha possuia além do grande saber, a qualidade de polemista, que não era facil vencer, no que se podia comparar a Camillo Castello Branco, até muitas vezes na linguagem.

Viajou muito no estrangeiro onde visitou as primeiras escolas de medicina e hospitaes estudando com a sua lucida intelligencia todos os progressos da sciencia que professava, com amor e enthusiasmo.

A faculdade de medicina sempre o escolheu para representar a Universidade nos congressos medicos de Lisboa, Paris, Berlim e Roma, onde muito a honrou e ao paiz.

Foi o principal fundador do gabinete de bacteriologia na Universidade, e o congresso da tuberculose foi dos factos que mais honraram a vida do illustre professor.

Uma terrivel doença obrigou-o a retirar-se da vida activa ha mais de um anno, até que a morte o prostrou no dia 30 de janeiro, causando enorme perda para a sciencia e para o paiz.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Traços geraes da Historia da litteratura portugueza — *por A. T. Damasceno Nunes — Typ. de Lallemant Frères, Lisboa.*

Sobre assumpto tão interessante como é a historia de litteratura portugueza, não póde deixar de ser apreciabilissimo um livro, em que, como no que temos presente, se allia a competencia do auctor.

Os nossos leitores já conhecem o sr. Damasceno Nunes, porquanto algumas vezes tem honrado as columnas d'este periodico, com os seus bem elaborados artigos.

Na sua *Historia da litteratura portugueza* revela-se o mesmo escriptor, consciencioso no estudo, verdadeiro e imparcial na apreciação e observação, predicados estes que a critica não póde deixar de apreciar devidamente.

Claro e methodico, o livro faz honra ao illustrado professor, que em verdade conseguiu compôr um manual utilissimo a quantos procuram estudar a nossa historia litteraria.

Elogio funebre de Carlos Infante de Lacerda — *(Barão de Sabroso) — Necrologia á morte de D. Leocadia Thereza de Lima e Mello Falcão Van-Zeller — por Almeida Garrett — Lisboa, 1900.*

O opusculo que tem o titulo acima é o III da bibliotheca da *Aurora do Cavado*, de que é illustrado editor e colleccionador o sr. dr. Rodrigo Vellozo, que com um carinhoso cuidado, digno dos mais rasgados elogios, vae salvando do esquecimento algumas producções dos nossos mais notaveis homens de lettras já fallecidos, inserindo-as na sua *bibliotheca*.

Do presente voluminho foi-nos offerecido o n.º 67, rubricado e numerado pelo editor, pois que nenhum dos 150 exemplares que se imprimiram, foi destinado a venda.

Os dois escriptos compilados são pouco conhecidos, e o segundo apenas um bibliographo garretiano o cita. O *Elogio funebre*, impresso em Londres em 1830, por G. Greenlan, 39, Chicester Place, King's Cross, é publicação cujos exemplares são rarissimos; e o artigo commemorativo do fallecimento de D. Leocadia Van-Zeller, foi publicado em 29 de maio de 1848 no *Popular* de Lisboa, d'onde o sr. Rodrigo Velloso o copiou, com applauso de quantos apreciam estes cuidados.

Madrugadas — *José Pontes — Lisboa, 1900.*

N'um elegante volumesinho compilou o sr. José Pontes quarenta composições poeticas suas originaes e deulhes o conceituoso titulo de *Madrugadas*, que na verdade o são para o alvorecer do talento do moço poeta. E o dia deverá ser bello a ajuizar pelos prenuncios da sua aurora.

Teem todas essas poesias apreciaveis qualidades, sobresahindo a espontaneidade da rima.

Os assumptos são variados e o poeta dedica grande parte das composições aos seus mais intimos amigos, sendo em primeiro logar a seus paes.

Que o sr. José Pontes continue e progrida rapidamente são os nossos sinceros votos.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

Para 1901

Está publicado este primoroso annuario profusamente illustrado e com uma linda capa a côres representando o Pavilhão Portuguez na Exposição de Paris.

Preço 200 réis brochado, cartonado 300 réis, pelo correio accresce 20 réis de porte.

Pedidos á

EMPRESA DO «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.